



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

XIX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE
EDUCAÇÃO / I EREBIO – REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE
ENSINO DE BIOLOGIA – REGIONAL SUL.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIDÁTICA DA HISTÓRIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR¹

Ana Claudia Urban²

UFPR – claudiaurban@uol.com.br

Profª Maria Auxiliadora Schmidt³

UFPR – schmidt@qwet.com.br

O texto tem como intuito apresentar reflexões preliminares acerca da Didática da História – temática do trabalho de pesquisa em andamento, sob a orientação da Profª Drª Maria Auxiliadora Schmidt, na de Linha Cultura, Escola e Ensino - da Universidade Federal do Paraná; assim sendo, apontamos algumas considerações iniciais acerca da Didática da História como domínio específico de investigação no campo das Disciplinas Escolares.

A Didática da História é parte integrante dos cursos de formação de professores e, recebe denominações diversas, conforme a Instituição. Em nosso trabalho de pesquisa buscamos problematizar de que forma esta disciplina está posta nos cursos de formação; qual é o conceito que o acadêmico possui, bem como, que uso faz da mesma – tanto no período referente ao estágio, como nos primeiros anos de sua profissionalização.

O fazer pedagógico, está estreitamente ligado ao processo de formação inicial; porém como a formação se caracteriza justamente por ser uma ação dinâmica, não deve estar dissociada de um processo contínuo e necessário para a prática docente.

A escola é o *locus* onde as reflexões sobre a prática pedagógica podem certamente encontrar espaço e alcançar a dimensão do ofício de ensinar, especificamente quanto ao professor de História, que

¹ Reflexões preliminares acerca da Didática da História – temática do trabalho de pesquisa em andamento, sob a orientação da Profª Drª Maria Auxiliadora Schmidt.

² Aluna do Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Educação – Linha Cultura, Escola e Ensino da Universidade Federal do Paraná.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná – Linha Cultura, Escola e Ensino.

... é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemáticas (SCHMIDT, 1997, p. 57).

Concordamos com MONTEIRO, quando afirma que

A formação inicial é, também, momento especialmente importante e rico porque o aluno-mestre vive a experiência como um 'ritual de passagem' onde ele, o professor em formação, é ainda aluno e, portanto, tem a sensibilidade aguçada para perceber as repercussões da ação educacional com os olhos de quem ainda se sente como tal (1999, p. 132).

Nossa intenção é problematizar a formação docente, especificamente a formação do professor de História: questionando a sua formação, como são encaminhadas as reflexões acerca do saber histórico produzido na escola, de que maneira se discute a Didática da História; enfim como se dá a compreensão do ensino de História como uma prática que leva em conta a dimensão social e busca caminhos que ultrapassem a visão limitada do conteudismo e prime por um ensino centrado na reflexão.

Estudos, como o de Rosa Maria TORRES (1996) apontam que, os cursos de formação inicial não têm respondido de maneira satisfatória para uma profissionalização reflexiva, que realmente prepare o futuro professor para uma atuação segura e consciente. Tal afirmação é percebida em várias características ainda presentes na estrutura dos cursos superiores, como: a hierarquização entre as diversas disciplinas, a ausência de discussão sobre teoria/prática, o descompasso entre os estágios e as demais disciplinas desenvolvidas, situação esta, que denota a própria fragmentação do curso.

FONSECA em sua obra "Didática e prática de ensino em História" pontua algumas reflexões acerca da trajetória da formação acadêmica dos professores de História, afirmando que no percurso da formação dos mesmos, esta realidade esteve muito presente. Afirma que

... durante as últimas décadas do século XX, predominou o modelo de formação que combinava licenciaturas curtas e plenas de um lado e bacharelado de outro, estruturados com base na dicotomia conhecimentos específicos da disciplina/conhecimentos pedagógicos, preparação para o ensino/preparação para a pesquisa, conhecimentos teóricos/prática (2003, p. 61).

Percebemos que esse cenário não é indiferente às Instituições de Ensino Superior e, no decorrer dos últimos anos este modelo passou a ser criticado, revisado; propostas e reflexões em torno de uma “nova organização” foram e continuam sendo debatidas, no entanto, ainda não foram suficientes, no sentido, de romper com alguns pensamentos acerca da formação do professor de História.

Déa FENELON, na década de 80, denunciava uma série de situações acerca desta polarização que caracterizava o ensino de História.

... é fácil constatar que o profissional do ensino de História, o recém-formado, tendo de enfrentar a realidade de uma sala de aula com 40, 50 alunos, [...] se sente perdido, não sabe o que fazer. Passou quatro anos estudando a sua disciplina e de repente se vê perplexo diante da realidade – quase sempre não tem mesmo a segurança sobre sua própria concepção de História, de ensino – e na confusão tenta reproduzir o que aprendeu com a intenção de fazer o melhor possível (FENELON apud FONSECA, 2003, p. 62).

Passadas duas décadas acerca desta constatação percebem que, não avançamos o suficiente para romper o abismo que se criou entre a formação inicial e a prática do professor recém-formado. Ainda persiste o modelo de formação acadêmica de História configurada entre as disciplinas encarregadas de transmitir os conhecimentos da História e as disciplinas de caráter pedagógico, ou seja, aquelas que irão instrumentalizar o futuro professor acerca da prática de ensino.

Consideramos como FONSECA, quando afirma:

... as instituições formadoras não buscam ou não conseguem romper com a dicotomia teoria/prática, com a desarticulação entre a preparação em história e a preparação pedagógica e com a separação ensino/pesquisa, existentes no interior dos próprios cursos de licenciatura e entre licenciaturas e bacharelados (2003, p. 73).

No entanto, mesmo frente a estes indicativos acerca dos cursos de formação inicial, afirmamos que, a importância dos mesmos está pautada justamente no fato de que, um professor com uma sólida formação inicial tem melhores condições de fazer escolhas, analisar e posicionar-se frente aos projetos educacionais.

... é sobretudo na formação inicial, nos cursos superiores de graduação, que os saberes históricos e pedagógicos são mobilizados, problematizados, sistematizados e incorporados à experiência de construção do saber docente. Trata-se de um importante momento de construção de identidade pessoal e profissional do professor, espaço de construção de maneiras de ser e estar na futura profissão (FONSECA, 2003, p. 60).

RIBAS ratifica estas idéias quanto às questões pertinentes à formação inicial afirmando que

A formação inicial não é uma fase completa na vida do professor e sim uma primeira etapa: no entanto, se ela preparar bem [...], o professor transporá os obstáculos do cotidiano escolar e terá maior segurança nas decisões, principalmente na fase de socialização que ocorre no ambiente de trabalho (2000, p. 38).

Incontestavelmente a formação inicial deve ser capaz de preparar o professor nos aspectos teórico e prático, a fim de que o mesmo tenha condições de superar os desafios inerentes à profissão-professor. Esse movimento evidencia a tendência de colocar em níveis cada vez mais elevados a formação inicial, conferindo às Universidades e Faculdades um lugar privilegiado na formação dos profissionais da Educação.

Uma das maneiras de percebermos as características dos cursos de formação é justamente através da análise da forma como os professores se inserem nas atividades profissionais; visto que há uma disposição dos mesmos em vivenciar precisamente, aspectos que foram marcantes durante o curso de formação acadêmica; principalmente no que se refere às atitudes frente ao conhecimento.

Todo este panorama, na realidade, é retrato da maneira como o professor aprendeu, a forma como as disciplinas do curso foram desenvolvidas.

Concordamos com FIORENTINI et al quando afirma:

A formação inicial dos professores não pode continuar dicotomizando teoria prática, pesquisa e ensino e conteúdo específico e pedagógico. Aquilo que outrora era considerado apenas como ponte entre a formação específica e a pedagógica deve ser, na verdade, considerado como eixo principal da formação profissional do professor. Este eixo, portanto, é aquele que articula a teoria e a prática do ensino e promove atividades que contribuem para a formação do professor-pesquisador numa perspectiva de *formação contínua*. A pesquisa e a reflexão sistemática sobre práticas pedagógicas podem contribuir enormemente

para isso se estas acontecerem ao longo do curso de formação (1995, p. 332).

Desta forma, pensar na formação docente implica em considerar os diversos aspectos que a envolve, inclusive a natureza dos elementos que caracterizam a curso de formação. E a Didática da História é, um entre tantos elementos que, configuram-se como essenciais na formação do professor de História, tendo em visto que ela possui uma clara finalidade neste percurso.

Entender a construção do conhecimento no âmbito da Didática da História é levar em conta a possibilidade de que, ensinar História não é reproduzir informações e sim, se preocupar em como se dá a educação histórica. Não se trata de somente refletir sobre o resultado, mas principalmente no “como”, isto é, na construção do conhecimento histórico escolar.

Compreendemos que se faz necessário recuperarmos, entre outros aspectos, a historicidade da disciplina Didática da História, enquanto disciplina escolar; assim sendo, acreditamos que, inicialmente, esta discussão se insere no campo das disciplinas escolares.

Circe Maria Fernandes BITTENCOURT (2003) através do texto “Disciplinas escolares: História e Pesquisa” pontua, entre outros aspectos, os desafios que se colocam para o desenvolvimento de pesquisas acerca das disciplinas escolares.

Afirma a citada autora:

Compreender os embates decorrentes dessa relação entre o campo epistemológico e cultural, do qual emerge a disciplina, e a esfera política é um dos desafios para quem se dedica a este tema, relativamente recente, nas pesquisas educacionais. Entre outros problemas, as pesquisas precisam se situar quanto ao conhecimento escolar e quanto à identificação e ao papel de cada um dos sujeitos envolvidos na constituição desse conhecimento (BITTENCOURT, 2003, p.10).

E, estes desafios passam entre outros aspectos, segundo a autora, pela preocupação quanto ao momento em que se ampliam as pesquisas acerca das disciplinas escolares e, as mesmas, ao se tornarem objetos de pesquisa, são perpassadas por diferentes enfoques; que por sua vez, certamente estão relacionadas a concepções também diversas de disciplina escolar. Assim cabe-nos ponderar que, ao debruçar-nos

sobre as reflexões acerca das disciplinas escolares, precisamos compreendê-la levando em conta os sujeitos envolvidos.

Apesar de constituir-se em um campo relativamente novo de pesquisa, as reflexões me torno das disciplinas escolares aparecem, inicialmente, articuladas às discussões pautadas nas transformações curriculares da década de 70, como também da década de 80.

Particularmente a década de 80 trouxe para o país uma ampla reflexão acerca da sociedade, dos direitos humanos, da manifestação dos valores e das necessidades da população. As discussões acerca do currículo, por sua vez, ganharam gradativamente, maiores espaços acerca da definição da função da escola, do ensino/aprendizagem.

As reformas curriculares geradas nesse contexto foram, de modo geral, muito marcadas pelo discurso que dava ênfase à necessidade de recuperar a relevância social dos conteúdos veiculados na escola, contrapondo-se às orientações tecnicistas que prevaleceram na década anterior. [...] Nos anos 80, tratava-se de recuperar a importância do saber veiculado pela escola como instrumento de exercício da cidadania plena e como elemento capaz de contribuir para a transformação das relações sociais vigentes (BARRETO, 2000, p. 08).

Assim, como a dimensão curricular foi tomando corpo no decorrer dos anos, as discussões em torno das disciplinas escolares também se tornaram foco de reflexões no meio educacional, como constata André CHERVEL, quando afirma:

... tem-se manifestado uma tendência, entre os docentes, em favor de uma história de sua própria disciplina. Dos conteúdos do ensino, tais como são dados nos programas, o interesse então evoluiu sensivelmente para uma visão mais global do problema, associando-se as ordens do legislador ou das autoridades ministeriais ou hierárquicas à realidade concreta do ensino nos estabelecimentos, e, algumas vezes, até mesmo às produções escritas dos alunos (1990, p. 177).

Assim sendo, acreditamos que pensar a Didática da História, no contexto das disciplinas escolares é preocupar-se com a natureza do ensino; no caso da investigação aqui identificada, trata-se de refletir sobre aspectos que possibilitam ao (futuro) professor, vislumbrar uma prática centrada nos processos de produção do

conhecimento histórico, permeada pela problematização do ensino, isto é, uma prática que tenha como referência a reflexão acerca do percurso do conhecimento histórico.

Desta forma, inferimos que, a Didática da História possui um papel fundamental na formação acadêmica do professor, pois é a partir da identidade da disciplina que “derivam as demais concepções, como de escola, professor, aprendizagem e outras mais vinculadas à temática” (BITTENCOURT, 2003, p. 23). Concepções estas fundamentais na construção do ser professor de História.

Sem o intuito de hierarquizar disciplinas que compõem o quadro curricular referente à formação do professor de História; mas sim, de fazer uma primeira percepção quanto à formatação das disciplinas relacionadas com a Didática da História nos cursos de Licenciatura em História nas Universidades Públicas do Paraná, elencamos na sequência algumas das formatações das disciplinas encontradas. Assim temos:

Didática da História;
Didática para o ensino de História;
Estágio Curricular Supervisionado em História;
Metodologia do Ensino de História;
Metodologia e prática do ensino de História;
Prática do Ensino de História;
Orientação e prática de Ensino⁴.

Além destas, encontramos disciplinas que possuem, dentro do total de sua carga horária, um percentual destinado à prática de ensino.

Desta forma, a partir de inferências preliminares acerca da Didática, enquanto disciplina escolar, percebemos que se faz necessário um entendimento das mesmas a partir dos objetivos próprios, tendo a História como ciência de referência. No entanto, sem deixar de conceber que, “... a história das disciplinas escolares deve ser analisada como parte integrante da cultura escolar para que se possam entender as relações estabelecidas com o exterior, com a cultura geral e a sociedade” (BITTENCOURT, 2003, p.26).

O projeto de sociedade e escola é também expresso na Didática da História, isto é, a forma como a Didática da História está, explicita uma cultura escolar; que por

⁴ Dados disponibilizados através de consultas ao *site* do Departamento e/ou Setor das Universidades Públicas do Paraná.

sua vez expressa a forma como se pensa a História, a formação do professor e conseqüentemente a prática.

Tendo em vista que, a problematização do projeto que intencionamos desenvolver, busca discutir como a Didática da História é percebida nos cursos de formação de professores, não podemos dissociá-la de uma forma de “pensar a História”.

Não há dissociação entre o movimento da cultura/escola e da forma de entender a História. Esse “movimento” é expresso na constituição da Didática da História, na formação dos professores, nas práticas...

Estes apontamentos se caracterizam como algumas possibilidades em relação a Didática da História, quisemos apenas levantar algumas indagações sobre o tratamento conferido às disciplinas escolares, especialmente a Didática da História e, com estas e outras preocupações, registramos a contribuição de BERGMANN acerca da Didática da História, quando afirma que: “Refletir sobre a História a partir da preocupação da Didática da História significa investigar o que é apreendido no ensino da História [...], o que pode ser apreendido [...] e o que deveria ser apreendido ...” (1990, p. 29).

REFERÊNCIAS

BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Tendências recentes do currículo do ensino fundamental no Brasil. In: BARRETO, Elba Siqueira de Sá (org.). **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2000. p.05-42.

BERGMANN, Klauss. A História na Reflexão Didática. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v 9 nº 19, p. 29-42, setembro de 1989/fevereiro de 1990.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Disciplinas Escolares: História e Pesquisa. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda e RANZI, Serlei Maria (orgs.) **História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 09-38.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n.2, p. 177-229, 1990.

FIORENTINI, Dario; SOUZA, Arlindo José; MELO, Gilberto Francisco Alves de. Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos. In: GERALDI, C.M.G; FIORENTINI, D; PEREIRA, E.M. (orgs.) **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998. p.277-306.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História – experiências, reflexões e aprendizados**. São Paulo: Papirus, 2003.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. O lugar da prática de ensino na formação do professor: um espaço de socialização profissional. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene Rosa (org.) **III Encontro: Perspectivas do Ensino de História**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999. p.122-134.

RIBAS, Marina Holzmann. **Construindo a competência**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2000.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997. p.54-66.

TORRES, Rosa Maria. Formação docente: a chave da reforma educativa. In: UNESCO. **Nuevas formas de aprender y enseñar**. Santiago, Chile: UNESCO - SANTIAGO, 1996. p.19-77.